

## PARALELO DE DESENVOLVIMENTO MICRORREGIONAL: MICRORREGIÕES DE BLUMENAU, DE ITAJAÍ E DE JOAÇABA

Danuza Domingos  
Louis Roberto Westphal  
Universidade Federal de Santa Catarina  
danuzadomingos@yahoo.com.br

**Resumo:** Ao longo dos últimos anos o processo de desenvolvimento teve seu foco modificado. Deixou-se de buscar apenas crescimento econômico e a partir de 1990 este crescimento passou a ser vinculado também à distribuição e redução da pobreza. Além dos indicadores econômicos é também importante levar em consideração a forma como desenvolvimento está ocorrendo, ou seja, a qualidade do crescimento e papel dos fatores locais no processo de crescimento. Neste sentido, buscou-se analisar o grau de desenvolvimento alcançado pelas microrregiões de Blumenau, Itajaí e Joaçaba comparativamente. Neste estudo esta análise foi feita sob a ótica da teoria da “Qualidade do Crescimento” e a partir de indicadores econômicos e sociais do processo de desenvolvimento retirados principalmente de fontes como a Secretaria do Estado de Planejamento, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD. Tais dados permitiram analisar a evolução do desenvolvimento das microrregiões, bem como o comportamento do taxa de crescimento populacional, da População Economicamente Ativa – PEA, do Produto Interno Bruto - PIB, das taxas de desemprego, o papel de cada setor econômico na microrregião, a concentração de renda medida pelo índice de Gini, e os indicadores de qualidade de vida resumidos pelo Índice de Desenvolvimento Municipal – IDHM. Concluiu-se, desta forma, que a população em todas as microrregiões cresceu a taxas bastante elevadas para os anos analisados, especialmente na área urbana indicando uma possível migração da população da área rural para a área urbana. A PEA das microrregiões apresentou um comportamento semelhante ao da população total, concentrando-se na área urbana, onde a taxa de desemprego também foi a mais elevada. As maiores taxas de desemprego foram verificadas no ano de 2000, sendo que, neste ano, a microrregião com maior taxa de desemprego geral foi a de Itajaí, seguida pela de Joaçaba e pela de Blumenau. Através do PIB, pôde-se verificar que estas microrregiões estão crescendo economicamente e que os setores mais representativos são a indústria para as microrregiões de Blumenau e Joaçaba e o de serviços para a microrregião de Itajaí. O crescimento econômico medido pelo PIB se refletiu no PIB *per capita*, mas através do índice de Gini, foi possível notar que todas microrregiões sofreram aumento na concentração de renda entre os anos de 1991 e 2000. No entanto, consideram-se como medida da qualidade do crescimento o IDHM, notou-se que houve melhoras parciais para essas microrregiões que apresentaram índices em torno de 0,8 no ano de 2000. As melhoras referentes ao IDHM foram puxadas principalmente pela IDH – Educação, um dos sub-índices do IDHM.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Microrregional, Crescimento Econômico, Qualidade do Crescimento.

Nos últimos anos o processo de desenvolvimento tanto sua prática como seu pensamento vêm passando por transformações.

De acordo com o Relatório do Banco Mundial, “Desenvolvimento e Redução da Pobreza Reflexão e Perspectiva” de outubro de 2004, entre 1950 e 1960 a idéia de desenvolvimento estava associada ao crescimento agregado. Mais tarde, entre 1965 e 1990, a idéia de desenvolvimento começou a se identificar com processos de mudanças sociais e econômicas. E a partir de 1990 o desenvolvimento econômico passa a ser vinculado conceitualmente às noções de crescimento econômico e redução da pobreza.

Diante de tantas modificações no pensamento do processo do desenvolvimento, busca-se nesta pesquisa estabelecer um paralelo de desenvolvimento sócio-econômico entre as microrregiões de Blumenau, de Itajaí e de Joaçaba a luz da teoria da “Qualidade do Crescimento” de Thomas (2000)<sup>1</sup>. Este paralelo será feito com base em uma análise evolutiva dos aspectos populacionais, econômicos e sociais das três microrregiões.

## **1. Discussão teórica: a qualidade do crescimento**

Cada vez mais as preocupações relacionadas a questões sociais, principalmente qualidade de vida e bem estar, e questões ambientais estão se sobrepondo a questões estritamente econômicas. É preciso mudar as prioridades no processo de desenvolvimento, o que já vem ocorrendo desde meados da década de 60 e que ganhou força a partir da década de 90.

Para Thomas (2000) o desenvolvimento econômico deve ser pautado nos aspectos qualitativos do crescimento, a preocupação está na forma como o crescimento está ocorrendo em cada região. Para ele “tanto as fontes como os padrões do crescimento delineiam os resultados do desenvolvimento” (THOMAS, 2000, p. XXIII).

O crescimento com qualidade consiste em investir no povo, porém não deixando de sustentar os recursos naturais, de gerenciar os riscos e de melhorar o governo. Desta forma será possível promover maior redução da pobreza, um desenvolvimento mais sustentado tanto ambiental como socialmente, além de uma melhor qualidade de vida compartilhada por todos.

A preocupação desta teoria está relacionada a qualidade do crescimento e sua sustentabilidade, pois estes fatores contribuem para o desenvolvimento. Para tanto é preciso

---

<sup>1</sup> THOMAS, Vinod *et al.* **A qualidade do crescimento**. Ed. UNESP, 2000. Disponível em <<http://www.bancomundial.org.br>> Acesso em: 2000.

melhorar a qualidade de vida das pessoas, o que requer: maior renda *per capita*; educação como resultados; igualdade de gêneros; saúde e nutrição; meio ambiente mais sustentável; sistema judicial e legal imparcial; liberdades civis e políticas mais amplas; e vida cultural mais rica.

Através de melhor qualidade dos fatores que promovem o desenvolvimento é possível alcançar um aumento do crescimento aliado ao aumento do bem-estar de forma que os resultados deste crescimento possam ser absorvidos pelas pessoas levando ao aumento do número de empregos e da renda.

No entanto o crescimento sustentado pode ser prejudicado por alguns fatores como desprezo as externalidades ambientais, gastos públicos oblíquos, entre outros e que levariam apenas a um crescimento temporário e não sustentado. Thomas (2000) afirma que “gerenciar esses aspectos qualitativos torna-se essencial para atingir melhorias sustentáveis de bem-estar” (THOMAS, 2000, p. XXV).

Os aspectos-chave que evidenciam maior ou menor qualidade do crescimento são: distribuição de oportunidades, sustentabilidade do meio ambiente, gerenciamento dos recursos globais e do governo.

Desta forma Thomas (2000) apresenta três princípios-chave sendo o primeiro deles é o foco sobre os principais valores do desenvolvimento que são o capital físico, o capital humano e o capital natural. O investimento nesses valores deve ocorrer de forma combinada para promover melhorias na qualidade de vida.

O segundo princípio-chave para o desenvolvimento é a necessidade de atender os aspectos distributivos no decorrer do tempo de forma que os benefícios do desenvolvimento sejam amplamente distribuídos. Isto deve ocorrer através da distribuição mais equitativa do capital humano, da terra e de outros fatores produtivos o que implicaria numa distribuição mais equitativa da remuneração, aumentando a capacidade de pessoas tirarem proveito das tecnologias e gerarem resultados. E como as pessoas mais pobres são sensíveis a ciclos e crises, é importante que os resultados do crescimento sejam sustentados.

E por fim, o terceiro princípio-chave está em enfatizar a estrutura institucional para o bom governo. Entende-se por governo “o funcionamento efetivo das burocracias, estruturas reguladoras, liberdades civis e instituições responsáveis e transparentes, para segurar a regra do direito e as questões de participação para o crescimento e desenvolvimento” (Thomas, 2000, p. XXIX).

A combinação destes três princípios-chave serve de base para se entender quais fatores são importantes para se promover o desenvolvimento sustentado e baseado na qualidade do crescimento. Mostra que os resultados podem ser melhores quando os fatores quantitativos e qualitativos do processo de desenvolvimento funcionam melhor quando são “trabalhados” conjuntamente e que se influenciam mutuamente.

No entanto, muitos desses fatores ainda são negligenciados ou recebem atenção inadequada no processo de crescimento, o que leva a negligência de algumas ações-chave. A próxima seção irá destacar quais são essas ações-chave e como elas podem melhorar a qualidade do crescimento.

## **2. Indicadores do desenvolvimento econômico e social**

O grau de desenvolvimento econômico e social pode ser medido através de indicadores como o tamanho do PNB ou do PIB em termos totais ou *per capita*, pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), pelo nível de degradação ambiental, dentre outros. A relação existente entre esses indicadores auxilia significativamente na análise das características de sociedades com maior ou menor grau de desenvolvimento.

Um dos indicadores utilizados é o tamanho e a taxa de crescimento do PIB ou do PNB em termos agregados ou *per capita*. A diferença entre o PIB e PNB é que o primeiro corresponde ao valor agregado de todos os bens e serviços produzidos dentro do território econômico de um país, independente da nacionalidade dos proprietários das unidades produtoras desses bens e serviços. Já segundo corresponde ao valor agregado de todos os bens e serviços resultantes da mobilização de recursos nacionais que pertencem a residentes no país, independente do território econômico em que esses recursos foram produzidos (SANDRONI, 2002. p, 459; 475).

O PIB ou o PNB *per capita* (adotado pelo Banco Mundial) são importantes para a mensuração do desenvolvimento e são medidos pelo totais do PIB ou PNB divididos pela população do país, o que significa a parte do produto correspondente a cada habitante.

No entanto, tanto o critério de mensuração do desenvolvimento pelo PIB ou PNB total quanto em termos *per capita* são limitados, pois em termos totais eles não dizem nada sobre a produtividade média e o bem-estar de seu povo, e em termos *per capita* não informa precisamente como o produto está sendo distribuído. Além disso, Fonseca aponta os principais defeitos da mensuração do desenvolvimento através do produto *per capita*: quando utilizado para comparar o grau de desenvolvimento de um país em relação a outros a sua dependência da taxa

oficial de câmbio pode distorcer os resultados; apresenta também distorções quanto a utilização dos recursos naturais e deterioração ambiental; e o fato de reduzir o desenvolvimento econômico a uma variável estritamente monetária (FONSECA, 1994).

Um indicador que auxilia na análise de como o produto está sendo distribuído é o coeficiente de Gini. Este coeficiente permite verificar o grau de concentração da renda, da propriedade fundiária ou da produção, e, neste trabalho, servirá para medir o grau de concentração da renda no estado de Santa Catarina e em cada microrregião. O índice de Gini varia entre zero e um, quando a concentração da produção em uma economia é muito pequena ou inexistente, este índice aproxima-se de zero ou é igual a zero. Ao contrário, se o índice estiver próximo de um, a concentração na distribuição do produto é maior.

Outro indicador que auxilia na análise do grau de desenvolvimento de uma determinada região ou país é o modo como vive a sua população, sua taxa de crescimento, sua distribuição entre área urbana e rural, e como estas variáveis se comportam no tempo.

Para saber melhor sobre a qualidade de vida da população e do seu nível de bem-estar, um indicador muito importante é o IDH (Indicador de Desenvolvimento Humano). De acordo com Fonseca (1994) o IDH foi divulgado pela primeira vez em 1990 no “Relatório de Desenvolvimento Humano” das Nações Unidas e apresenta como principais vantagens o fato de possibilitar uma visão geral sobre a evolução do desenvolvimento em nível mundial, porém dependendo de como este indicador é utilizado, pode se tornar geral demais. Para o caso de se buscar informações sobre o grau de desenvolvimento dos municípios, existe o IDH – M, ou seja, o IDH Municipal. A vantagem deste indicador é que ele demonstra mais claramente o desenvolvimento do município, no entanto, por causa da migração estar presente em seu cálculo, ele se desatualiza facilmente. Ambos resultam de uma combinação de outro três índices:

- IDH – Educação – mede o nível de instrução da população levando em conta variáveis como a taxa de analfabetismo e os anos de escolaridade;
- IDH – Renda – mede o nível de renda da população considerando a capacidade de compra em cada país;
- IDH – Longevidade – mede o nível de saúde através da expectativa de vida ao nascer e a mortalidade infantil, por exemplo.

O IDH varia numa escala que vai de zero a um. Quanto maior o nível social mais próximo de um este índice se encontra e quanto mais próximo de zero pior o nível social.

Embora existam outros indicadores importantes para medir o desenvolvimento e a sua a sua qualidade este trabalho utilizará na análise dos dados microrregionais apenas os mais importantes. Desta forma, serão utilizados os indicadores relativos ao crescimento do produto e sua volatilidade em termos totais e *per capita*, ao nível de desigualdade da renda medida pelo índice de Gini, e ao nível de bem-estar medidos pelos indicadores de desenvolvimento humano, além de levar em consideração o crescimento populacional e taxas de desemprego.

### **3. Análise microrregional comparativa**

Antes de se iniciar a análise das microrregiões a partir dos indicadores do desenvolvimento, faz-se necessária expor algumas características gerais do estado e das microrregiões de Blumenau, de Itajaí e de Joaçaba.

O estado de Santa Catarina está situado no Sul do Brasil o que o coloca no centro dos principais mercados do Brasil e dos países do Mercosul. Está dividida, de acordo com o IBGE, em seis mesorregiões (Oeste Catarinense, Serrana, Norte Catarinense, Vale do Itajaí, Grande Florianópolis e Sul Catarinense) e em vinte microrregiões (Araranguá, Blumenau, Campos de Lages, Canoinhas, Chapecó, Concórdia, Criciúma, Curitibanos, Florianópolis, Itajaí, Ituporanga, Joaçaba, Joinville, Rio do Sul, São Bento do Sul, São Miguel D'Oeste, Tabuleiro, Tijucas, Tubarão e Xanxerê).

A população de Santa Catarina descende, em sua maioria, de europeus em especial portugueses, italianos e alemães. A estimativa da população em 2005 do IBGE é de 5,87 milhões de habitantes distribuídos em uma área de 95,4 mil km<sup>2</sup>.

Em 2000, segundo dados do IPEADATA, cerca de 79% da população de Santa Catarina estava concentrada na área urbana, ao contrário da década de 70, quando cerca de 57% da população se concentrava na área rural.

A economia catarinense caracteriza-se principalmente pela distribuição das empresas industriais por todo o território estadual, agrupadas em pólos regionais especializados. Segundo o ICEPA as indústrias que mais se destacam são: a cerâmica, localizada especialmente no sul do estado; a têxtil, localizada principalmente em Blumenau; a eletro-metal-mecânica, no norte do estado com destaque para Joinville; a agroindustrial no oeste do estado; a de extração de minério (principalmente carvão), nas cidades de Tubarão, Criciúma e municípios vizinhos.

Santa Catarina conta ainda com três portos para a escoação de sua produção. No litoral norte o porto de São Francisco do Sul, em Itajaí o Porto de Itajaí e o Porto privado de Imbituba no sul do estado.

Mas também existem problemas no estado relacionados principalmente a área de infraestrutura básica, extremamente importante para o processo de desenvolvimento. Segundo Mattei (1999) “há sérios problemas no setor energético (...) o sistema rodoviário é precário e carente de investimentos e o sistema portuário está muito defasado e operando com baixa produtividade” (MATTEI, 1999).

Mesmo com problemas, a economia catarinense apresentou um bom desempenho nos anos 90, contrariando as expectativas adotadas num contexto de abertura comercial e de processo de liberalização econômica.

A microrregião de Blumenau pertence a mesorregião do Vale de Itajaí e é composta pelos municípios de Apiúna, Ascurra, Benedito Novo, Blumenau, Botuverá, Brusque, Doutor Pedrinho, Gaspar, Guabiruba, Indaial, Luiz Alves, Pomerode, Rio dos Cedros, Rodeio e Timbó. A população total estimada pelo IBGE dessa microrregião em 2005 é de 613,6 mil habitantes distribuídos em uma área total de 4,75 mil km<sup>2</sup>, correspondendo a uma densidade demográfica de 129,2 hab./km<sup>2</sup>.

Sua atividade econômica está concentrada na indústria com destaque para a indústria têxtil, o que a coloca entre os principais pólos industriais de Santa Catarina. Mattei (1999) afirma que a partir de 1880 foram instaladas as primeiras indústrias deste setor na região, em especial nos municípios de Blumenau e Brusque. É nessa região que estão concentrados os principais grupos empresariais do ramo têxtil: Hering, Sulfrabril, Renaux, Garcia, Butettner, dentre outros.

No entanto a microrregião de Blumenau também está se desenvolvendo em outros setores. No município de Blumenau e nas cidades próximas o setor de metal-mecânico está se expandindo. Em Gaspar está localizada a Ceval Alimentos, recentemente comprada pelo grupo Bunge & Born tornando-se, segundo Mattei (1999) a maior empresa mundial na área de processamento de produtos oleaginosos.

A partir de 1990 a microrregião de Blumenau passou a se desenvolver na indústria de informática. Em Blumenau está localizado um dos três núcleos estaduais do programa Softex voltados para o desenvolvimento de *software* para exportação.

Pertencente a mesorregião do Vale do Itajaí, a microrregião de Itajaí é composta por doze municípios e possui uma área total de 1,45 mil km<sup>2</sup>. Os municípios que compõem esta microrregião são: Balneário Camboriú, Barra Velha, Bombinhas, Camboriú, Ilhota, Itajaí, Itapema, Navegantes, Penha, Balneário Piçarras, Porto Belo e São João do Itaperiú.. Sua população total estimada pelo IBGE em 2005 é de 484,9 mil habitantes, e sua densidade demográfica para o mesmo período é de 334,4 hab./km<sup>2</sup>.

Nesta microrregião encontra-se o maior porto do estado de Santa Catarina, o porto de Itajaí. As atividades econômicas estão ligadas predominantemente ao porto e ao complexo turístico. No turismo destaca-se a cidade de Balneário Camboriú que, segundo Mattei (1999), se transformou no principal pólo turístico do estado.

A indústria de pescados avançou bastante e conta hoje com a maior empresa de sardinha e atum do país, a empresa Ferreira Mercado de Pescados (Femepe) detentora das marcas Pescador, Costa Brava, Alcion e Navegantes.

A microrregião de Joaçaba pertence a mesorregião do Oeste Catarinense. É a maior das três microrregiões estudadas abrangendo uma área total de 9,14 mil km<sup>2</sup> e é composta por 27 municípios, Água Doce, Arroio Trinta, Caçador, Calmon, Capinzal, Catanduvas, Erval Velho, Fraiburgo, Herval D'Oeste, Ibiam, Ibicaré, Iomerê, Jaborá, Joaçaba, Lacerdópolis, Lebon Régis, Luzerna, Macieira, Matos Costa, Ouro, Pinheiro Preto, Rio das Antas, Salto Veloso, Tangará, Treze Tílias, Vargem Bonita, Videira. No entanto, mesmo sendo a maior em área e em número de municípios isto não se reflete em uma população total maior do que a das outras microrregiões. Isto porque sua população total estimada pelo IBGE para 2005 de 328,5 mil habitantes e sua densidade demográfica é de apenas 35,9 hab./km<sup>2</sup>.

Segundo Mattei (1999) A economia da microrregião de Joaçaba está baseada na produção agropecuária e na agroindústria. Destacam-se nesta microrregião os municípios de Fraiburgo e proximidades e de Videira. O primeiro pela produção de maçã, sendo o maior produtor estadual e o segundo pela produção de uva, constituindo-se a principal área de produção de vinho do estado.

Outro setor importante na economia desta microrregião é a indústria de madeira, localizada especialmente em Caçador e Matos Costa.



### 3.1 Aspectos populacionais

A evolução população estadual e das microrregiões consideradas nesta pesquisa estão na Tabela 1.

**Tabela 1 – População Residente Total Santa Catarina e Microrregiões (1970-2005)**

Microrregião	Número de Habitantes					
	1970	1980	1991	1996	2000	Estimativa 2005
<b>Blumenau</b>	251.111	334.765	442.265	489.697	547.591	613.579
<b>Itajaí</b>	136.251	186.212	276.994	342.528	404.854	484.959
<b>Joaçaba</b>	193.382	215.842	262.890	281.180	304.043	328.500
<b>Santa Catarina</b>	2.901.660	3.628.292	4.541.994	4.875.244	5.356.360	5.866.568

Fonte: IPEADATA, Estimativa 2005 IBGE

A população total de Santa Catarina e das microrregiões de Blumenau, Itajaí e Joaçaba no período de 1970 até 2005 estão na Tabela 1. Como é possível verificar, a população total de Santa Catarina em 2000 foi de 5,36 milhões de habitantes, e neste mesmo período a população da microrregião de Blumenau corresponde por cerca de 10% da população do estado. A microrregião de Itajaí compreende cerca de 8% da população total do estado e a microrregião de Joaçaba cerca de 6%. Em 2000, a população total das microrregiões era de 547.491 habitantes para a microrregião de Blumenau, de 404.854 habitantes para a microrregião de Itajaí e de 304.043 habitantes.

O crescimento da população do estado de Santa Catarina e das microrregiões está ocorrendo a taxas bastante elevadas, principalmente entre 1970 e 1991 como mostra a Tabela 2.

**Tabela 2 - Taxa de Crescimento População Residente Total  
(em %)**

Microrregião	Taxa de Crescimento Populacional (em %)		
	1970 - 1980	1980 - 1991	1991 - 2000
<b>Blumenau</b>	33,31	32,11	23,82
<b>Itajaí</b>	36,67	48,75	46,16
<b>Joaçaba</b>	11,61	21,80	15,65
<b>Santa Catarina</b>	25,04	25,18	17,93

Fonte dos dados primários: IPEADATA

Verifica-se que a população está crescendo tanto no estado como nas microrregiões. Dentre as microrregiões estudadas a que mais cresce em termos populacionais é a de Itajaí, onde a taxa de crescimento chegou a 48,75% entre 1980 e 1991, superior ao nível estadual.

Os dados analisados apontam para o fato de o crescimento estar ocorrendo em níveis mais elevados nas microrregiões de Blumenau e de Itajaí, localizadas mais próximas da faixa litorânea do estado, em relação à microrregião de Joaçaba, localizada no interior do estado, indicando, assim, uma possível litoralização da população catarinense.

Diante deste quadro de crescimento é importante verificar em que área o crescimento populacional é mais elevado, se na área urbana ou na área rural.

De acordo com a Tabela 3, pode-se verificar que uma grande parcela da população estadual está concentrada na área urbana, cerca de 78% em 2000. O comportamento das microrregiões não é diferente, e no ano de 2000 a microrregião de Blumenau possuía cerca de 86,30% da população concentrada na área urbana, a de Itajaí 94,36% e a de Joaçaba 73,78%.

**Tabela 3 - Proporção População Residente – Rural e Urbana  
(em %)**

Microrregião	Proporção População Residente – Rural e Urbana (em %)							
	1970		1980		1991		2000	
	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana
<b>Blumenau</b>	27,55	72,45	22,61	77,39	20,13	79,87	13,70	86,30
<b>Itajaí</b>	24,53	75,47	18,22	81,78	8,69	91,31	5,64	94,36
<b>Joaçaba</b>	51,75	48,25	48,74	51,26	34,75	65,25	26,22	73,78
<b>Santa Catarina</b>	57,02	42,98	40,63	59,37	29,36	70,64	21,25	78,75

Fonte dos dados primários: IPEADATA

Analisando-se os dados da população na área rural e urbana, verifica-se que a população rural está, em média, diminuindo tanto no estado como nas microrregiões de um período para o outro, sendo que a microrregião de Itajaí foi a que apresentou maior crescimento da população urbana em relação a população rural.

Os dados apresentados apontam para uma possível migração da população do campo pra a cidade, em especial para as áreas litorâneas.

Comportamento semelhante se verifica para o caso da População Economicamente Ativa (PEA) do estado e das microrregiões estudadas. A maior parcela da PEA está concentrada na área urbana como mostra a Tabela 4.

Ao se distribuir a PEA entre área urbana e área rural, verifica-se que, assim como a população residente, sua maior parte concentra-se na área urbana tanto no estado como nas microrregiões para os anos de 1980 a 2000. As microrregiões de Blumenau e Itajaí também concentravam a maior parte da PEA na área urbana para o ano de 1970.

A participação da área urbana no total da PEA aumentou em todos os períodos analisados para o estado de Santa Catarina e para todas as microrregiões estudadas e estão bem próximas as proporções da população total. Em 2000 o percentual da PEA na área urbana era de 77,68% para o estado de Santa Catarina, de 86,82% para a microrregião de Blumenau, de 94,47% para a de Itajaí e de 72,71% para a de Joaçaba.

**Tabela 4 - Proporção População Economicamente Ativa – Rural e Urbana**  
(em %)

Microrregião	Proporção PEA – Rural e Urbana							
	(em %)							
	1970		1980		1991		2000	
	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana
<b>Blumenau</b>	38,03	61,97	21,28	78,72	19,46	80,54	13,18	86,82
<b>Itajaí</b>	38,75	61,25	18,69	81,31	8,10	91,90	5,53	94,47
<b>Joaçaba</b>	62,31	37,69	45,91	54,09	34,55	65,45	27,29	72,71
<b>Santa Catarina</b>	58,54	41,46	39,38	60,62	30,79	69,21	22,32	77,68

Fonte dos dados primários: IPEADATA

O crescimento da PEA tanto no estado como nas microrregiões não está sendo acompanhado na mesma proporção pelo nível de empregos, levando, ao longo do período analisado ao aumento das taxas de desemprego.

Como a microrregião de Itajaí é a que apresenta maior taxa de crescimento populacional é também ela a que apresenta maiores taxas de desemprego. No ano de 2000, como mostra a Tabela 5, a taxa de desemprego do estado foi de 10,28%, enquanto que a desta microrregião foi de 1,27%. As demais microrregiões apresentaram taxas de desemprego inferiores ao nível estadual para o ano de 2000, 8,20% para a microrregião de Blumenau e de 9,15% para a de Joaçaba.

**Tabela 3 - Taxa de Desemprego Total**

(em %)

Microrregião	Taxa de Desemprego (%)			
	1970	1980	1991	2000
<b>Blumenau</b>	1,89	1,45	4,26	8,20
<b>Itajaí</b>	4,72	3,76	4,75	13,27
<b>Joaçaba</b>	0,37	1,09	3,86	9,15
<b>Santa Catarina</b>	1,69	1,87	4,02	10,28

Fonte dos dados primários: IPEADATA

Analisando-se a taxa de desemprego entre área rural e área urbana, verifica-se que as taxas mais elevadas estão na área urbana, onde no ano 2000 chegou a 12,10% para o estado, 8,67% para a microrregião de Blumenau, 13,61% para a microrregião de Itajaí e 11,43% para a microrregião de Joaçaba.

No entanto pode-se afirmar que o desemprego vem aumentando nos últimos anos nessas microrregiões, pois em 1970 o desemprego na área urbana de Blumenau era de apenas 2,57%, em Itajaí de 5,20% e em Joaçaba 0,60%. Na área rural a taxa de desemprego estadual passou de 0,82% em 1970 para 3,94% em 2000, na microrregião de Blumenau passou de 0,77% para 5,05%, na de Itajaí de 3,96% para 7,47% e na de Joaçaba de 0,22% para 3,09%.

Os aspectos populacionais considerados indicam que a população está crescendo tanto em nível estadual como em nível microrregional. Indicam que a população está se concentrando na área urbana onde as taxas de desemprego são mais elevadas. A microrregião que apresenta uma situação mais crítica que as demais é a de Itajaí que apresenta os maiores níveis de crescimento populacional e da PEA sem o respectivo aumento no nível de emprego, levando a taxas de desemprego elevadas.

### **3.2 Aspectos econômicos**

Através da análise do PIB pode-se verificar que as microrregiões estão crescendo economicamente como mostra a Tabela 6.

**Tabela 6 - Evolução PIB a Preço de Mercado Corrente (1998-2004)**

Microrregião	Evolução do PIB (R\$ Milhões)						
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
<b>Blumenau</b>	4.588,30	5.036,95	5.936,16	6.235,47	6.462,68	7.365,47	8.533,65
<b>Itajaí</b>	1.816,39	1.922,36	2.155,82	2.452,91	3.018,81	3.548,57	4.042,32
<b>Joaçaba</b>	2.526,40	2.786,85	3.315,05	3.727,94	4.117,95	5.061,63	5.233,53
<b>Santa Catarina</b>	<b>32.434,06</b>	<b>35.681,85</b>	<b>42.428,08</b>	<b>46.534,52</b>	<b>51.828,17</b>	<b>62.213,54</b>	<b>70.207,92</b>

Fonte: Secretaria de Estado do Planejamento – SC

Nela pode-se verificar que o crescimento não ocorreu nas mesmas proporções para o estado e para todas as microrregiões comparadas entre si. O crescimento do PIB estadual entre 2003 e 2004 foi de 12,85%, maior apenas do que a taxa de crescimento da microrregião de Joaçaba, que neste período foi de 3,40%.

A microrregião com maior taxa de crescimento do PIB para este período foi a de Blumenau, 15,86% seguida pela a de Itajaí, 13,91%.

No entanto os dados apontam para um crescimento instável durante os anos analisados podendo ser citado como exemplo a taxa de crescimento da microrregião de Joaçaba que entre 2002 e 2003 foi de 22,92% e entre 2003 e 2004 caiu para 3,4%.

O crescimento do PIB mesmo que instável se refletiu no PIB *per capita* que cresceu nas mesmas proporções. No entanto é preciso saber se este crescimento não levou a aumento da concentração de renda ao invés de contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população.

Analisando-se o PIB segundo os setores econômicos, verifica-se que as microrregiões estudadas apresentam bases produtivas distintas. Segundo a Secretaria de Estado do Planejamento microrregião de Blumenau e a de Joaçaba apresentam maior participação econômica do setor industrial, porém a participação deste setor no PIB da microrregião de Blumenau, entre 1998 e 2004, ficou em torno de 60%. Já na microrregião de Joaçaba esta participação ficou em torno de 50% para o mesmo período.

A diferença entre essas duas microrregiões está na participação do setor agropecuário que entre 1998 e 2004 contribui apenas com um valor entre 2% e 3% para o PIB da microrregião de Itajaí. Já o caso da microrregião de Joaçaba esta participação foi mais significativa, este setor contribui de 20% a 25% para o PIB microrregional.

A microrregião de Itajaí por sua vez tem no setor de serviços a sua principal atividade econômica. Durante os anos de 1998 a 2004, a participação deste setor na economia da

microrregião girou em torno de 55% a 60%. A indústria apresentou uma participação, para este período, entre 34% e 40%, e o setor agropecuário de 3% a 5%.

Diante desses aspectos econômicos é possível verificar que está havendo crescimento econômico nestas microrregiões, com destaque para a microrregião de Blumenau. Os principais setores que contribuíram para este crescimento foram a indústria no caso das microrregiões de Blumenau e de Joaçaba, e o de serviços para a microrregião de Itajaí.

### **3.3 Aspectos sociais**

Como citado anteriormente, os aspectos econômicos são importantes para o processo de desenvolvimento, mas é preciso verificar se o crescimento econômico está sendo acompanhado de melhorias nos fatores distributivos e na qualidade de vida das pessoas. Como medida de desigualdade foi utilizado o índice de Gini com o objetivo de se verificar o grau de concentração da renda. E como medida de melhorias na qualidade de vida foi considerado o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH.

De acordo com o PNUD, uma maior parcela da população estadual está concentrada em áreas onde o índice de gini varia entre 0,50 e 0,60. Em 1991 cerca de 50% da população estava concentrada nesta área, passando em 2000 para cerca de 60%. De acordo também com o PNUD, houve um deslocamento da população estadual de áreas com índice de gini menores para áreas onde este nível é mais elevado. Em alguns municípios do estado alcançaram índices de Gini entre 0,60 e 0,70.

Nas microrregiões a concentração de renda também aumentou comportando-se de maneira semelhante, não chegando, porém as mesmas proporções verificadas.

Na microrregião de Blumenau, a maior parcela da população (69% em 2000) está concentrada em áreas onde o índice de Gini varia entre 0,45 ou maior.

Na de Itajaí a população está concentrada no ano de 2000 em áreas entre 0,53 e 0,55, sendo que em 1991 estavam concentradas nesta área cerca de 18% da população e em 2000 este valor pulou para 73,10%. Houve um enorme aumento da desigualdade de renda nesta microrregião.

A microrregião de Joaçaba apresentou uma parcela de aproximadamente 64,8% da população, em 1991, concentrada em áreas com índice de Gini em torno de 0,50 e 0,55. Em dois mil a parcela de pessoas vivendo nesta mesma área caiu para 58,9%, no entanto 33,80% d população passou a viver em áreas onde este índice varia entre 0,55 e 0,60.

Se com base no índice de Gini a concentração de renda aumentou, com base no IDH houve melhoria parcial na qualidade de vida da população destas microrregiões.

Embora o aumento tenha sido pequeno, indica que está havendo sim melhorias relacionadas a qualidade de vida das pessoas a partir dos indicadores que compõem este índice.

Na microrregião de Blumenau o IDH passou de 0,751 em 1991 para 0,821 em 2000, na microrregião de Itajaí este índice passou de 0,727 para 0,803 e na de Joaçaba, de 0,720 para 0,803.

As melhorias verificadas no IDH das microrregiões foram puxadas principalmente pelo IDH-Educação. Os níveis de desenvolvimento humano calculados com base no IDH, encontram-se bastante próximos entre as microrregiões, indicando que as diferenças relacionadas a base produtiva, distribuição da população etc. não influenciam significativamente neste indicador.

Diante dos valores considerados nesta pesquisa pode-se afirmar que está havendo crescimento econômico nestas microrregiões, porém o nível de desemprego está aumentando, em especial na área urbana onde está concentrada a maior parcela da PEA. A microrregião de Itajaí é a que apresenta piores resultados em relação ao nível de desemprego.

Com relação a desigualdade de renda verificou-se que esta aumentou tanto em nível estadual como em nível microrregional. O crescimento verificado no PIB *per capita* não se refletiu na distribuição da renda. De acordo com o índice de Gini a concentração de renda aumentou de 1991 para 2000, sendo que maior parte da população da microrregião de Blumenau está concentrada em áreas onde este índice varia entre 0,45 ou maior, a população de Itajaí entre 0,53 a 0,55 e a população de Joaçaba entre 0,50 e 0,55. Mas os níveis de desigualdade destas microrregiões encontram-se abaixo do nível estadual que se situa entre 0,55 e 0,60.

Conclui-se, com base nos indicadores considerados neste trabalho e na teoria da "Qualidade do Crescimento", a microrregião com os melhores indicadores é também a de Blumenau, pois esta apresentou menores níveis de concentração de renda e melhores IDHM para os anos analisados. O principal fator que influenciou no aumento do IDHM nessa e nas demais microrregiões foi a IDH-Educação. Apresentou também menores taxas de desemprego e maior crescimento do PIB, além de ter o setor industrial mais representativo das três microrregiões.

No entanto, os IDHM das microrregiões se encontraram em níveis bastante próximos entre uma microrregião e outra e permitem uma conclusão parcial de qual das três microrregiões é mais desenvolvida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANCO MUNDIAL. **Desenvolvimento redução da pobreza: reflexão e perspectiva.** Banco Mundial. 2004.

IBGE. **Estimativas de População.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em 10/02/2007.

ICEPA. **Características e Potenciais.** Disponível em: <<http://cepa.epagri.sc.gov.br/>>. Acesso em 13/02/2007

IPEADATA. **População.** Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/>>. Acesso em 05/01/2006.

MATTEI, Lauro. **Panorama do desenvolvimento sócio-econômico catarinense.** 1999

PNUD. **Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil.** 2000. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/>>. Acesso em: 06/01/2007.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo dicionário de economia.** 11 ed. São Paulo: Best Seller, 2002. 649p.

Secretaria de Estado do Planejamento - SC. **Dados estatísticos municipais.** Disponível em: <<http://www.spg.sc.gov.br/>>. Acesso em: 18/11/2006.

THOMAS, Vinod. *et al.* **A qualidade do crescimento.** Ed. UNESP, 2000. Disponível em <<http://www.bancomundial.org.br.>> Acesso em: 2006.